

O POTE SOBRE A PONTA: UMA REVISÃO DE HIPÓTESES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE POVOS AMERÍNDIOS PRÉ COLONIAIS NO SUL DO BRASIL

Thiago Umberto Pereira¹; Adriana Schmidt Dias²

¹*Universidade Federal de Pelotas – thiagoumbertopereira@gmail.com*

²*Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Federal de Pelotas – adrianasd96@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar uma revisão teórica de hipóteses levantadas sobre o debate que existe sobre interações entre diferentes populações que habitavam o sul do país e como estas se influenciaram. Esta revisão se dará partir de três hipóteses difundidas em pesquisas no sul do brasil (DeMASI, 2005; FARIA, 2003; SCHIMITZ 2009) sobre interações entre diferentes populações.

Para se compreender como se desenvolveram as hipóteses sobre a ocupação do sul do brasil, é bom compreender o contexto das pesquisas arqueológicas na região. Segundo NOELI (1999/2000) a Arqueologia na região sul iniciou em 1872, ano da primeira publicação na área. Surgia em meio aos debates científicos do século XIX, que adaptavam ideias do evolucionismo e do darwinismo social, para pregar a inferioridade dos povos indígenas e justificar a dominação sobre esses povos e a expropriação de suas terras. Ocorreu de forma exploratória e colecionista, com trabalhos amadores ou de arqueólogos estrangeiros.

Entre 1965 e 1970 o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) faz um enorme levantamento de sítios arqueológicos no país.. O objetivo do programa foi realizar pesquisas a fim de propor um esquema de desenvolvimento histórico-cultural da ocupação pré-colonial brasileira, em uma perspectiva semelhante à proposta de WILLEY e PHILLIPS (1958), com uma abordagem particularista e difusionista. Para sistematizar os dados coletados, foram empregados os conceitos de fase e tradição, introduzidos na Arqueologia Brasileira, por Betty Meggers e Clifford Evans, que coordenaram as pesquisas do programa (NOELLI 1999/2000; DIAS & HOELTZ, 1997).

Boa parte das atividades do PRONAPA consistiram na realização de prospecções para identificar sítios arqueológicos, em especial pré-coloniais. Para garantir que um levantamento em um território tão amplo tivesse resultados satisfatórios, foi adotado um método padronizado de pesquisa, pautado em trabalhos de campo para coleta de amostras regionais, que foram utilizadas para identificar padrões cronológicos a partir de seriação (DIAS, 1995; 2003).

A partir dos resultados das pesquisas do PRONAPA, definiu-se um modelo de ocupação do território brasileiro dividido em dois estágios de desenvolvimento cultural, classificados pela diversidade tecnológica: período “pré-cerâmico”, onde se enquadram os sítios líticos associados diretamente a caçadores-coletores, e o período “cerâmico”, que corresponderia a grupos que praticassem agricultura e produzissem cerâmica (DIAS, 1995, 2003; DIAS & HOELTZ, 1997; NOELLI, 1999/2000). Enfatiza-se que as pesquisas do PRONAPA tiveram como foco a análise de vestígios cerâmicos, sendo dada pouca atenção aos vestígios líticos, que em sua maioria foram analisados a partir de aspectos morfológicos e

tipológicos, com foco na identificação de artefatos-guias ou fóssil-guia (DIAS, 2003).

No sul do Brasil, há presença de vestígios líticos arqueológicos desde o final do Pleistoceno (NOELLI, 1999/2000; DIAS, 2003). Segundo o esquema construído pelo PRONAPA, esses vestígios estariam associados a quatro conjuntos distintos (Umbu, Humaitá, Taquara-Itararé e Guarani), sendo os dois primeiros contextos pré-ceramistas, e os dois últimos de contextos ceramistas. Grosso modo, a variabilidade lítica registrada no sul do Brasil se organiza, segundo o esquema pronapiano, nessas quatro grandes categorias identificadas a partir da tipologia (artefatos-guia). Com relação a Umbu e Humaitá, segundo o PRONAPA, as diferenças seriam a presença de pontas bifaciais nos conjuntos Umbu, e a Humaitá caracterizada em termos gerais pela ausência das pontas bifaciais (MEGGERS & EVANS, 1977; PROUS, 1992; DIAS, 2003). Os dados levantados pelas pesquisas realizadas pelo PRONAPA delinearam uma interpretação cultural a respeito do comportamento dos grupos que produziram esses conjuntos artefatuais.

Desde a década de 1990, as pesquisas arqueológicas se direcionam para um questionamento desses esquemas interpretativos formulados, propondo novas problemáticas e aplicação de novos modelos interpretativos e metodologias de análise no país (NOELLI, 1999/2000; DIAS, 1994 e 2003). Contudo a influência da metodologia e dos esquemas interpretativos propostos pelo PRONAPA seguem influentes em hipóteses e problemas de pesquisa, bem como são reproduzidos sem uma crítica aos pressupostos teóricos do programa.

2. METODOLOGIA

Há muitas pesquisas que ainda se pautam sem críticas a perspectiva teórica e metodológica formulados pelo PRONAPA ou que se mesclam com abordagens teóricas variadas criando hipóteses frágeis sobre a como se dava ocupação humana em uma perspectiva de longa duração no sul do país.

Consolidou-se a ideia de que a neutralidade na produção científica arqueológica no país estaria garantida pela ausência de qualquer debate de ordem teórica, o que aparentemente havia sido o caso do programa, sendo que teoria e prática são indissociáveis (DIAS, 1994). Em sua dissertação DIAS (1994) revisa as perspectivas teóricas que influenciam o PRONAPA. A autora faz um resgate das abordagens teórico-metodológicas que guiavam a sistemática do programa assim explicitando uma teoria oculta influenciada pela abordagem histórico-culturalista da arqueologia norte americana.

Diversos autores seguem os métodos e resultados das pesquisas realizadas no PRONAPA baseando suas hipóteses nas divisões de tradições e fases cristalizadas por sua metodologia sem se preocupar com os problemas que estas possuem.

Através de uma revisão bibliográfica, partindo de três hipóteses (DeMasi, 2005; FARÍAS, 2003; SCHIMITZ 2009) sobre uma conexão entre povos ameríndios de tradições “pré-cerâmicas” e “cerâmicas” no sul do Brasil, é possível analisar as correntes teóricas e metodológicas que levaram a geração de hipóteses sobre mudanças de comportamentos (segundo as proposta histórico culturalista pronapiana) ao longo do tempo dos povos que ocuparam o sul do Brasil e como estes se influenciaram.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão bibliográfica gira em torno de três propostas de autores do sul do país que pensam em como as populações “pré-cerâmicas”, especificamente os que fariam parte da tradição Umbu, estariam envolvidas com populações “ceramistas”, em específico os da tradição Taquara-Itararé.

DeMASI (2005) mescla uma abordagem sistêmica com a herança pronapiana propondo que sítios líticos da tradição Humaitá seriam parte de um sistema de sítios de povos ceramistas. Para o autor, a partir de dados etno-históricos dos grupos Xoklengs, os sítios líticos atribuídos a tradição Humaitá fariam parte de uma “unidade básica” de um complexo de sítios que pertenceriam ao grupo. Além disso atribui o uso de pontas de flechas (artefato guia da tradição Umbu) aos povos Xoklengs.

FARIAS (2003) trabalha com uma proposta sobre o padrão de assentamento de sítios Umbu na encosta do estado de Santa Catarina. A autora vincula povos que partilhavam a tecnologia da tradição Umbu teriam sido influenciados por povos ceramistas a produzir cerâmica apesar de manterem uma economia forrageira, herança de sua origem caçadora coletora. Essa transição os colocaria como sendo esses os ancestrais diretos dos povos Xokleng, que teriam sua cultura material modificada mas permaneceriam ocupando o mesmo espaço geográfico em tempos diferentes.

SCHIMITZ et. al (2009) conecta povos caçadores coletores da tradição com povos ceramistas da Tradição Taquara Itararé a partir da presença de artefatos-guias da Tradição Umbu em sítios de estrutura semi-subterrâneas (que pertenceriam aos povos ceramistas Taquara-Itararé).

Muito pela falta da crítica ou falta de aprofundamento teórico os autores acabam por criar hipóteses precipitadas sobre a interação entre os povos “caçadores-coletores” que habitavam a região com povos “ceramistas” onde hoje é o sul do país.

4. CONCLUSÕES

Percebe-se que a influência do PRONAPA acabou por criar uma tendência a focar na metodologia e a procurar uma neutralidade teórica que se daria por se afastar da teoria. Assim os autores acabaram por gerar hipóteses frágeis sobre a influência de populações “ceramistas” sobre populações “caçadoras-coletores” e também sobre o interação entre estes.

Os autores também superestimam o poder de influência dos povos ceramistas sobre as populações caçadoras coletores, o que segue uma tendência interpretativa internacional (DIAS, 2005).

A partir de uma revisão teórica é possível verificar que muitos autores, que já dispunham de ferramentas teóricas e metodológicas para realizar discussões mais profundas, acabaram por serem influenciados pela metodologia do PRONAPA e por sua ânsia de apresentar respostas rápidas a questões por vezes muito complexas e que exigem ainda muita pesquisa e aprofundamento na arqueologia brasileira. As hipóteses apresentadas por esses autores por vezes incorrem em contradições diretas com os dados apresentados para sustentá-las ou sequer possuem dados suficientes para lhes dar força.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DeMASI, M. A. N. **Relatório Final Projeto de salvamento arqueológico Usina Hidrelétrica Campos Novos.** 2005
- DIAS, A. S. **Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA.** Revista do Cepa, v 19(22). n. 25-39. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1995.
- DIAS, A. S. **Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul.** Tese de doutoramento. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2003
- DIAS, A. S.; HOELTZ, S. E. **Proposta metodológica para o estudo das indústrias líticas do sul do Brasil.** Revista do Cepa, v.21, n.25:21-62.Santa Cruz do Sul: UNISC, 1997.
- FARIAS, D. S. E. **Distribuição e padrão de assentamento – propostas para os sítios da Tradição Umbu na encosta de Santa Catarina.** Tese de Doutorado, UNISINOS, São Leopoldo, 2005.
- PROUS, A. **Arqueologia Brasileira.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1992.
- WILLEY, G. R. & PHILLIPS, P. **Method and Theory in American Archaeology.** Chicago: University of Chicago Press, 1958.
- SCHIMITZ, P. I.; ARNT, F. v.; BEBER, M.V.; ROSA, A. O. e ROGGE, J.H. **Taió, no Vale do Rio Itajaí, SC: O encontro de antigos caçadores com as casas subterrâneas.** PESQUISAS, Antropologia, nº 67. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2009.
- MEGGERS, B. J.; EVANS, C. 1977. E. **Las tierras bajas de suramérica y las antillas.** Estudios Arqueológicos (Centro de Investigaciones Arqueológicas). Ediciones de la Universidades católica, Quito,1997. p.11-69.